

O Homem Sartre

Milton Dias

Conheci Jean Paul Sartre em 1960, quando com Simone de Beauvoir aportava no Recife para participar do 1.º Congresso de Crítica Literária, que reunia altos nomes da literatura do Brasil e alguns de Portugal. Naquela ocasião nosso conhecimento limitou-se a uma apresentação formal e a acompanhar seus luminosos pronunciamentos no Congresso. Na noite da chegada, por obra do acaso, fui intérprete de Simone de Beauvoir, numa entrevista que concedia ao “Diário de Pernambuco”, no salão do Grande Hotel.

Em boa hora o então Reitor Antônio Martins Filho teve a idéia feliz de convidá-los a uma visita à nossa Universidade — convite que aceitaram de coração leve, imediatamente — e aqui, do momento da sua chegada ao da sua partida, os acompanhei durante quatro dias, servindo de intérprete junto ao público, nas entrevistas à imprensa, nas conferências que o mestre do existencialismo proferiu nesta cidade e nas homenagens várias que recebeu.

E pude constatar de perto a confiança da sua preocupação com a verdade, em todas as frases, em todas as atitudes, em todos os gestos, sua vivacidade extraordinária, a rapidez do processo mental, seu interesse por tudo, revelado nas frequentes perguntas sobre a nossa cidade, nosso Estado, nosso povo, nosso modo de viver, de sentir, de reagir diante da vida. E como estavam sempre festejados em salões faustosos — dos restaurantes elegantes aos salões nobres da Reitoria — achei que deveria mostrar-lhes que Fortaleza não se limitava aos intelectuais, professores e estudantes que o cercavam (digam-se de passagem que o contato que Sartre mais apreciou foi

com os alunos da Faculdade de Direito, nos debates que provocou, nas questões que suscitou) que a nossa cidade não era apenas esta quentura humana de gente bem-posta. Não era lícito esconder que aqui havia miséria, como em toda parte.

Quando eram aguardados, num certo fim de tarde, para um coquetel na Reitoria, fui apanhá-los no Hotel San Pedro — e enquanto autoridades os esperavam — governador, secretários de Estado, o mundo oficial e o mundo universitário, achei que não devia negligenciar aquela oportunidade única que poderia abrir forçando a agenda cheia. Não hesitei em fazer descer o carro até a antiga “Cinza” — e lá lhes mostrei as “respeitosas” — palavra a que ele mesmo dera uma conotação nova no título da peça em que manifesta sua reprovação aos Estados Unidos e em que a personagem central, uma prostituta, é induzida a fingir que foi violentada por um negro e cometeu perjúrio para defender a falsa moralidade racista de um Estado do Sul. E lhes falei um pouco do problema da prostituição na nossa terra.

Soube depois que no dia seguinte, tendo parte da manhã livre, foram os dois até a “Cinza” e pessoalmente fizeram pesquisas, indagações e observações. Assim era o interesse de ambos pela humanidade em todos os planos. E ainda foram a Canindé, o que lhes deu oportunidade de conhecer um pouco do sertão cearense.

Não é do Sartre que rapidamente conheci que venho falar, mas do Sartre que aprendi, que está de corpo inteiro no menino que foi contado no seu livro “As palavras”, em que projeta a infância com todas as cores, todos os altos e baixos, a luz e a sombra em que mergulhou a criança que não sentiu a orfandade paterna, caindo nos braços de um avô que lhe dedicou afeição terna e constante, é admirado e festejado por toda a família. Não venho tratar da filosofia sartriana, mas do homem Jean Paul Sartre, egresso da burguesia média francesa, que lançou sua poderosa inteligência sobre o mundo, como uma das forças intelectuais mais atuantes do nosso século.

“As palavras” apareceu algumas semanas depois de “A força das coisas” de Simone de Beauvoir — e é curioso observar as semelhanças e as diferenças entre estas duas obras, de autores que se viam sempre em face do futuro, de repente voltados para o passado.

Simone conta os anos da sua maturidade cronologicamente, o relevante e o simples, numa forma direta, sem pretensão outra que a de deixar impressas algumas etapas da sua vida, ao mesmo tempo em que levanta o painel de toda uma época, enquanto Sartre conta a sua infância na lingua-

gem corrente, narrativa, num estilo simples, à altura do grande filósofo e artista que era, fazendo a descrição e a definição da sua personalidade criadora. E a sua vocação de escritor já está aí bem evidente, desde a criança que se divertia escrevendo contos, com extrema facilidade de expressão, cobrindo centenas de páginas de manuscritos, apesar dos naturais tropeços na ortografia e na gramática. Ele próprio oferece uma interpretação dessa precoce atividade: “escrevendo eu existia, escapava dos adultos”.

Jean Paul Sartre se volta para o menino POULOU, como era tratado em casa, objeto de todas as atenções, vai às suas raízes paternas e maternas, faz uma alusão irônica aos “filhos do silêncio” daqueles avós que não se falavam e no entanto procriavam, envolve toda a constelação familiar no seu depoimento e lembra sem prazer a temporada em La Rochelle, que detestou. Alguns o descrevem como uma criança doentia, confiada a uma afetuosa babá alemã e cuidado também pela mãe extremamente dedicada.

Ele mesmo faz o retrato da sua jovem mãe viúva, a moça bonita, alta, que só casará novamente em 1916. E o menino, criado sem pai, no meio de adultos que o cortejavam, bafejavam, admiravam, idolatravam, tinha em torno de si um ameno clima de amor, de calor familiar de que “As palavras” se fazem um reflexo inteligente e minucioso.

Quanto ao pai, que perdeu aos dois anos, não tem uma palavra de lamentação — antes reconhece que se o não tivesse perdido, teria sido, possivelmente, fatalmente esmagado. “Por sorte, diz ele, meu pai morreu quando eu era bem pequeno; no meio dos Enéas que carregam nos ombros os seus Anchises, eu passo de uma margem a outra sozinho e detestando estes genitores invisíveis montados nos filhos durante toda a vida; deixei atrás de mim um jovem morto que não teve tempo de ser meu pai que poderia ser, hoje, meu filho. Foi um mal ou um bem? Não sei; mas subscrevo de boa vontade o veredito de um eminente psicanalista: “Eu não tive ninguém me dominando”.

Ainda sobre o pai, afirma: “Se ele me amou, se ele me tomou nos braços, se voltou para mim seus olhos claros, hoje devorados, ninguém guardou lembrança disto; são penas de amor perdidas. Este pai não é nem mesmo uma sombra, nem mesmo um olhar: nós pesamos algum tempo, ele e eu sobre a mesma terra — foi tudo. Em vez de filho de um morto, me fizeram entender que eu era filho de um milagre.”

Está aí, na ausência de alguém para esmagá-lo, a origem do seu culto à liberdade, que o animou toda a vida e o levou à defesa dos oprimidos, contra as injustiças de todos os matices — e neste sentido orientou o existencialismo, que é uma

filosofia da liberdade, condensada na afirmação de que “o homem está condenado a ser livre”. E acrescenta que “no momento em que a liberdade acende a sua tocha no coração humano, os deuses perdem o poder sobre ele”.

Vindo duma família metade católica, metade protestante, não se deixou marcar por nenhuma das duas religiões, apesar de ter recebido Deus pelos ensinamentos, mas afirmaria mais tarde, referindo-se a Deus, que “como não conseguiu enraizar-se no meu coração, vegetou em mim algum tempo, depois morreu. Hoje, quando me falam “Dele”, digo com a segurança de um ex-amante encontrando a antiga companheira: Há cinquenta anos, sem aquele malentendido que nos separou, poderia ter havido alguma coisa entre nós”.

Pierre Henri Simon apreciando o estilo de “As palavras” salienta que ali a frase é breve, a tinta bem preta e bem ácida, a melodia seca com vibrações de sensibilidade machucada ora expressiva; e é freqüentemente este “tempo”, são estas cores das imagens e a música das palavras que fazem pressentir o segredo, a intimidade viva, não sei que calor de sangue em que se reanima pudicamente este gênio gelado. Eu considero “Les Mots” o melhor ensaio de Sartre e um dos livros mais sólidos e originais desta época”.

Ao que tudo indica, a consciência da sua feiúra que cedo lhe ocorreu, o desejo infantil de se fazer louvar e aplaudir, deram-lhe a convicção de que se afirmaria pela inteligência e pela aplicação ao estudo. Daí por que aos sete anos tentava romances que lia para a família encantada. Mais tarde declararia: “Quando jovem, adquiri consciência de minha fealdade, mas não fiquei muito aturdido, pelo fato de ser muito orgulhoso e, assim sendo, teria que considerar isso uma coisa secundária. Eu não era bonito e tinha consciência disso, sem me perturbar, pois sabia que iria ser um escritor muito célebre e, quando se é um escritor célebre, a beleza não tem a menor importância”. Quando em criança lhe indagaram qual era a sua maior aspiração, respondeu sem vacilar: ser soldado e vingar os mortos. Desde que lê as novelas de Jean de la Hire, Paul d’Ivoi, Jules Verne e Michel Zévaco, identifica-se com os heróis do Bem vencendo os tiranos, venerando a ciência e a virtude e se imagina Pardaillan ou Miguel Strogoff, Cirano ou Arsène Lupin.

Criou-se cercado de livros, num ambiente propício à sua vocação de escritor que logo se manifestou e explodiu genialmente. Os brinquedos que faziam a tentação de outras crianças, os encantos do campo não eram, certamente, do seu agrado. Daí por que se exprime assim textualmente: “Eu nunca cavei a terra, nem andei procurando ninhos. Meus livros foram meus pássaros, meus ninhos, meus animais do-

mésticos, meu estábulo e meu campo”. E, em outro trecho: “Foi nos livros que encontrei o universo; e confundi a desordem das minhas experiências livrescas com o curso imprevisível dos acontecimentos reais. Daí vem o idealismo de que levei trinta anos para me livrar”.

Mas sobretudo o marcou na infância aquela falta de uma disciplina rígida, imposta, de um domínio sobre a sua personalidade em formação, num meio em que a obediência não lhe foi ensinada, onde era ao mesmo tempo o “enfant gâté” e o “enfant sage”, silencioso, que não merecia repreensões, “cajolé” por um avô que o adorava, para quem representava uma autêntica maravilha, que o tratava por “meu tesouro”. Educou-se ignorando a violência, o ódio, o ciúme, a inveja, falando sempre a linguagem franca. Assinala, a propósito, que “a verdade sai da boca das crianças”.

Daquele avô, que esmagara os filhos e cumulava o neto de ternura e de amor, que desde cedo o dirigiu para o magistério e acabou vendo-o professor, daquele avô pinta um retrato magnífico de velho republicano do Império, um homem do século XIX que posava de Victor Hugo, com uma bela barba prateada e gostando mesmo de ser surpreendido em pose. “Tinha pegado o gosto dos quadros vivos”, diz ele. Reconhece mais uma vez que, se o pai fosse vivo, conheceria seus deveres e seus direitos — e esclarece: “Eu não tenho direito, pois sou cumulado de amor, eu não tenho dever pois me dou por amor”.

Apesar de tudo, não assinala ter amado a infância aparentemente feliz, o que deixa transparecer quando diz “a voz do meu avô, uma voz inesquecível, que me acorda em sobresalto e me impele para a minha mesa, eu não a ouviria, não fosse a minha própria voz, se não tivesse, entre 8 e 10 anos assumido, na arrogância, o mandato pseudo-imperativo que recebera na humildade”, e quando afirma, como ficou visto, que se refugiava nos livros, como numa fuga aos adultos.

Na segunda parte de “As palavras”, intitulada “Escrever” (a primeira é “Ler”) Sartre conta suas experiências infantis na arte da escrita e de como passou dos exercícios plagiados para a sua própria criação, introduzindo nas suas intrigas heróis inventados, com os episódios mais diversos, identificando-se freqüentemente com o personagem central, ao qual, em vez de emprestar seus gestos, recortava a seu modo, construindo um corpo — e afirma que “este distanciamento” súbito poderia amedrontá-lo, mas o encantava e o alegrava por ser a mesma pessoa, sem ser totalmente ele mesmo.

Quando chegou o momento em que o menino apresenta as primeiras marcas da sua vocação e lhe fizeram saber que os primos seriam engenheiros, não faltou quem anunciasse

que POULOU seria escritor, com a frase profética: “Ele tem bossa para a literatura”. Mas imediatamente veio a indagação inquieta: — E se ele meter na cabeça de viver da sua pena? O avô apreciava Verlaine, mas lhe tinha votado o maior desprezo desde o dia em que vira o poeta bêbado, na rue Saint Jacques e daí por diante passara a menosprezar, por extensão, todos os escritores profissionais. E o advertiu contra os percalços da literatura, recomendou-lhe que olhasse as coisas de frente, com a necessária lucidez, esclarecendo que “a literatura não alimentava ninguém”. E lhe propôs a pergunta: — Sabia que escritores famosos têm morrido de fome? Sabia que outros, para comer, se tinham vendido? Aí veio a opção por um segundo ofício, realmente correlato — o de professor.

Assinalou muito depois que os escritores de idade madura não gostam que os felicitem com demasiada convicção sobre a sua primeira obra. “Mas é a mim, diz ele, que estes cumprimentos agradam menos. Meu melhor livro, é o que estou escrevendo; logo em seguida vem o último publicado, mas eu me preparo suavemente para, dentro de pouco, já estar desgostoso dele. Que os críticos o achem mau hoje, eles me ferirão talvez, mas dentro de seis meses eu não estarei longe de participar da sua opinião”.

Em 1924 entrou na famosa École Normale da Rue D’Ulm, que sempre foi um centro de debates e de agitação filosófica — e em 1929 terminava em 1.º lugar o Curso de Filosofia.

Depois de fazer um curso de aperfeiçoamento nos anos de 1933 e 1934 em Berlim, com o professor Edmund Husserl, o teórico da fenomenologia pura, ou ciência da essência, voltou seriamente influenciado pela filosofia de Kant e Kierkegaard, somando estas influências à de Karl Marx — e a esta altura já se sentia trabalhado pela máquina existencial”. No verão de 1940 Sartre foi preso, mas antes de um ano liberado, graças ao seu estrabismo divergente e aos motivos de saúde que invocara junto ao médico do acampamento. Mesmo assim declarara a Simone que se não fosse posto em liberdade, estava decidido a fugir. Desta época fala Maurice Cranston:

“A experiência da ocupação alemã foi, assim, de grande significação para o amadurecimento do pensamento de Sartre; ela deu uma elevação romântica e heróica a uma visão da vida que anteriormente fora estoica, na melhor das hipóteses. Diversos amigos seus foram presos, deportados ou mortos em campos de concentração. Felizmente Sartre nunca teve de ver-se submetido a tal provação.

* * *

Simone de Beauvoir conta nas suas "Memórias de uma moça bem comportada" como conheceu Sartre (três anos mais velho do que ela) juntamente com alguns outros jovens filósofos, como Raymond Aran e Nizan e como, a partir daquele momento, começaram um companheirismo que nada perturbou, até que a morte os separou. Nenhum dos dois pretendia o casamento, viveram sempre em apartamentos separados, cada um teve direito às suas aventuras, sem quebra daquela amizade definitiva, assentada em bases afetivas e intelectuais. Simone ficara feliz quando Sartre, colega e mestre lhe disse: "De agora em diante eu a tomo pela mão". André Maurois ressalta: "Isto não quer dizer que ele lhe insuflou todas as suas convicções; tornaram-se amigos porque tinham filosofias vizinhas, ódios e admirações comuns".

Foi exatamente o que ocorreu, participaram das mesmas lutas, ficaram longas horas em mesas de café, em modestos quartos de hotel, pois ambos negligenciavam o conforto, dormiram em tombadilhos de navios, em cabanas na montanha ou ao ar livre, viajaram juntos na França, Espanha, Grécia, Itália, Holanda, Inglaterra. Foram à Rússia e à Cuba. É oportuno lembrar que depois se decepcionaram com o regime de Fidel Castro, romperam abertamente, numa carta célebre em que o acusava de repetir "os mais sórdidos momentos do stalinismo" e eram os primeiros de uma lista de protesto assinada por 80 intelectuais esquerdistas.

Juntos vieram ao Brasil e estiveram no Ceará, juntos caminharam cultivando as mesmas idéias, respeitando mutuamente a liberdade um do outro e a amizade persistiu, subsistiu inquebrantável. Os dois conheceram a glória literária, foram ambos professores inicialmente (ela em Rouen, ele no Havre) de modo que a curta distância permitia que se encontrassem freqüentemente.

É ainda Maurois quem assinala que "participando da extraordinária aventura do existencialismo que fez de Sartre, por volta de 1945, o filósofo favorito, não apenas de inúmeros jovens franceses, mas do mundo ocidental, ela continuou brilhantemente a sua carreira, alternando romances e ensaios." Tinham estabelecido seu Quartel General no Café de Flore, no Boulevard Saint Germain. Na verdade, Sartre escrevia nos Cafés, neles fez grande parte dos seus trabalhos e o dono do Café de Flore tinha um quarto no andar superior para os fregueses intelectuais, de modo a lhes oferecer mais tranqüilidade, quando a casa estava demasiado cheia, ou fechada.

Saint Germain des Prés ficou, aos olhos do mundo intelectual, associado ao existencialismo e ao casal Sartre-Simone de Beauvoir. Vem aqui, a propósito, um depoimento

de Simone de Beauvoir nas suas memórias: “Tínhamos confiança no mundo e em nós mesmos. À sociedade, em sua forma atual, nós nos opúnhamos: nesse antagonismo, porém, nada havia de amargo; ele subentendia antes um robusto otimismo. O homem devia ser refeito, e essa criação devia ser, em parte, nosso trabalho. Os assuntos públicos aborreciam-nos; contávamos que os acontecimentos se processassem de acordo com os nossos desejos, sem termos de intervir pessoalmente”.

Enquanto isto, o existencialismo virava moda.

Sartre não teve culpa do culto ao existencialismo, que foi mais um fenômeno sociológico de após-guerra. Se o existencialismo virou moda, se no Brasil chegou a ser divulgado até na letra de uma canção carnavalesca, Sartre se defende, aludindo aos jovens que usavam camisas sujas de cores violentas e cabelos desgrenhados, e às moças de longos cabelos, sem pintura: diz que “isto nada tem a ver com a minha filosofia”. O fato é que se popularizou, se celebrou, conheceu todas as glórias, recebeu as mais altas honrarias como o Prêmio Nobel e teve a coragem de declinar de todas por princípio.

Os jornais faziam eco não apenas da filosofia, mas da moda do existencialismo. Um periódico parisiense, por exemplo, noticiou assim um assalto: “Um grupo de ‘gangsters’ assaltou ontem uma fábrica nos arredores de Saint Denis. Um deles, provavelmente o chefe da quadrilha, pelo seu aspecto, parecia tratar-se de um existencialista”. Outro jornal diz: “Sensacional suicídio de um existencialista no cais do Sena. Com a cabeleira revolta, desesperado das loucuras humanas, o novo cruzado desta idéia de redenção da humanidade, lançou-se no desconhecido. Que as águas lhe sejam leves”. Os conceitos emitidos por Sartre tornaram-se comuns na boca daquela juventude e frases como “a vida não tem sentido, não existe lei moral, os burgueses são uns porcos, o homem é uma paixão inútil, o mundo é uma mixórdia viscosa e nauseabunda” eram freqüentes entre os moços que discutiam filosofia pelos cafés do Quartier Latin. Mas Sartre ensinava a necessidade de ser responsável diante da vida. Que embora a virtude seja difícil é possível, e que com esforço se pode melhorar o mundo.

Diz Jean D’Ormesson: “Nas coleções de quadros que os Roquentin do futuro vão admirar na pinacoteca da glória literária com os retratos das grandes almas, também estarão os dos sem-caráter. E as crianças das escolas alimentarão por muito tempo uma predileção toda especial por esse velho Cirano das planícies venezuelanas” (Roquentin é o herói

que descobre o absurdo da vida e acaba descobrindo um sentido para a sua própria vida, através das artes).

Cito mais uma vez Maurois neste comentário:

“Velho Cirano simpático, não destituído de generosidade, mas obrigado a representar, como todos nós “em situação”, exatamente como na época do seu sucesso. O homem que se recusa a falar na Universidade Americana de Cornell, para protestar contra a política dos Estados Unidos no Vietnã, é o leitor de Michel Strogoff. Pode-se pensar que teria servido melhor à causa da paz indo a Cornell e dizendo-lhes as verdades que os estudantes americanos estavam preparados para colher. Mas a recusa era um belo gesto. Eterno será o debate entre a eficiência e a pureza. E os que escolheram a eficiência conservam uma nostalgia da pureza”.

Voltando a Simone de Beauvoir, lembro que a guerra da Argélia a colocara, com Sartre, ao lado dos comunistas, embora antes os comunistas odiassem Sartre, porque a filosofia do mestre do existencialismo diferia da do marxismo. Tanto que Sartre escreveu: “A celebridade para mim foi o ódio”.

No plano autobiográfico sartriano é oportuno lembrar, fora de “As palavras”, que em 1973, quando Pierre Benichou o entrevistou para a revista “Esquire” e lhe perguntou até que ponto a contestação estudantil dos anos 60 o levava a rever suas posições políticas, literárias e filosóficas, ele respondeu:

“Não sabia até que ponto as mudanças em curso estavam modificando a mim também; percebia que se achava em curso algo importante e que eu próprio estava posto em causa”. É lamentável que não caiba aqui reproduzir toda a entrevista, mas vale a pena ressaltar uma outra parte em que declara:

“Já não faço as coisas que fazia antes: hoje ocupo-me continuamente com problemas tais como encontrar um teto para inquilinos arbitrariamente despejados ou que moram em favelas. Participo de manifestações relativas a essas questões e faço as declarações que me pedem: aqueles que trabalham comigo têm, como eu mesmo, horror ao estrelismo, mas sob certo aspecto me exploram como a um astro e eu, cinicamente, consinto que o façam. No momento o governo não tem interesse em prender-me e eu aproveito-me desta circunstância para proteger as manifestações. Apesar disso, há sete processos contra mim, como diretor de “La cause du peuple”, mas são processos que estão encalhados — o primeiro deles, que data de junho de 1971, não teve sequer a audiência inicial”.

Sartre tinha, pois, a coragem de mudar, quando percebia que o caminho por que enveredara não era o bom, assu-

mindando pessoalmente e plenamente a responsabilidade da sua coerência nunca desmentida. Chegou a mudar inclusive seu modo de vestir, justificando-se com a declaração de que a figura do intelectual clássico, de colete, paletó e gravata nunca o agradara. Passou a usar blusão, “jeans”, sapatos e camisa esporte. Foi logo depois das manifestações de 68 que chegou à conclusão de que àquela idade conquistara a liberdade de vestir-se como queria. Assim se explica que tenha lutado ao lado dos comunistas e contra os comunistas.

É ele próprio quem declara: “Eu mudei. Mencionarei mais tarde que ácidos destruíram as transparências deformantes que me envolviam, quando e como fiz o aprendizado da violência, descobri a minha feiúra — que foi durante muito tempo o meu princípio negativo, a cal viva em que a criança maravilhosa dissolveu-se — por que razão fui levado a pensar sistematicamente contra mim mesmo a ponto de medir a evidência de uma idéia pela repulsa que me causava — a ilusão retrospectiva está em frangalhos; martírio, salvação, imortalidade, tudo desaba, o edifício cai em ruínas; capturei o Espírito Santo nos subterrâneos e expulsei-o; o ateísmo é uma experiência cruel e de longo curso; acho que a levei até o fim. Vejo claro, sou desencantado, conheço meus valores reais, mereço certamente um prêmio de civismo; há cerca de 10 anos sou um homem que desperta, curado de uma longa, amarga e doce loucura, que não cessa de surpreender-se e que não pode lembrar sem rir os seus antigos erros e que não sabe mais o que fazer da sua vida”.

Foi sistematicamente um contestador, que respaldado nas suas convicções protestou contra tudo o que lhe pareceu injusto, lutou com a sua verdade contra o racismo, o anti-semitismo, a invasão da Hungria e da Tchecoslováquia; a guerra da Argélia e do Vietnã foram objeto do seu constante combate, e posicionou-se ativamente ao lado dos estudantes contra a repressão policial nas barricadas de 1968, apoiando abertamente os movimentos estudantis. Manifesta-se a favor da criação do Estado de Israel e contra os campos de concentração. Sempre em defesa da dignidade humana.

Não esteve indiferente a nenhum acontecimento de importância mundial, — escrevia, questionava, saía às ruas, distribuía boletins pessoalmente, defendia suas idéias que eram sempre, a rigor, em favor dos explorados, dos infelizes, dos humilhados e oprimidos. Foi visceralmente um questionador, que não se deixou intimidar pelos inimigos ou adversários, pelas ameaças, pelos processos, pelas prisões. Foi principalmente um homem do seu tempo, um homem em defesa do homem, sobretudo da liberdade. Foi um homem pro-

fundamente engajado na sua época — e era exatamente isto que pregava — a participação consciente do homem, assumindo todos os riscos desta participação. Era um pensador que chefiava com a força da razão.

Escritor, filósofo, romancista, romancista, teatrólogo, Sartre teve sempre a coragem da verdade, de exprimir franca e livremente seus pontos de vista, suas idéias; nunca se submeteu a disciplinas castradoras, foi, numa palavra, um permanente defensor da humanidade, apoiado na tese de que “igualar-se aos homens é a melhor atitude para conhecê-los”. Daí por que não se isolou na torre de marfim dos panfletários de gabinete, expôs-se deliberadamente a todos os percalços com intrepidez constante. Conseguiu unir a literatura e a filosofia, fazendo filosofia através das suas obras literárias, uniu a teoria à ação, usou a pena, o palco, o microfone, utilizou todos os meios de comunicação para a sua mensagem, escreveu trabalhos filosóficos, críticos e políticos, novelas e contos, peças e roteiro de filme, ensaios e artigos.

Invocando razões pessoais e objetivas, rejeitou todas as honrarias oficiais. Não aceitou a Legião de Honra que lhe propuseram em 1945, apesar de ter amigos no governo. Nunca aceitou ingressar no Collège de France e por fim recusou a mais alta láurea do mundo, o Prêmio Nobel de Literatura, que lhe foi conferido em 1964. Justificou-se dizendo que “esta atitude é baseada em minha concepção de trabalho do escritor. Um escritor que assume posições políticas, sociais ou literárias, somente deve agir com meios que lhe são próprios, isto é, com a palavra escrita. Todas as distinções que possa receber expõem seus leitores a uma pressão que não considero desejável. Não é a mesma coisa assinar Jean Paul Sartre somente ou Jean Paul Sartre, Prêmio Nobel”.

Assim era o homem Sartre que finalmente recebeu a cegueira nos últimos anos de sua vida com extrema bravura; assim era o homem Sartre que só se desmentiu quando disse que não sabia o que fazer da sua vida, porque ele o sabia muito bem e o fez. Assim era o homem Sartre que o mundo perdeu fisicamente, mas que prossegue nas idéias que divulgou, nos seus liros,, na sua obra, agora imortal pelo pensamento luminoso. Já chamado “a consciência do século” (Marcuse o chamou “a consciência do mundo”) era considerado com razão uma das mais altas inteligências do século XX. Assim era o homem Sartre que fechou os olhos definitivamente e 50.000 pessoas acompanharam ao cemitério de Montparnasse.